



## 1. Preâmbulo a carta: o que ela é, suas funções, seus usos (\*)

### 1.1 A carta: o que ela é

É um documento escrito que faz data. Ela atesta da existência duma reflexão nas nossas referências comuns, axiológicas epistemológicas e metodológicas. Ele dá os indicadores éticos para as práticas da Associação.

### 1.2 A carta: suas funções

Suas funções são triplas: identitária, constituinte, referencial. Como enunciação dos princípios que orientam a prática dos relatos de vida, a carta junta formadores, pesquisadores e intervenientes numa coletividade instituída.

Além desta identidade interna à Associação, a carta apresenta a especificidade da ASIHVIF e assegura a credibilidade no campo amplo das práticas do modo biográfico.

### 1.3 A carta: seus usos

A carta não é instrumento de normalização das práticas dos membros da Associação. Ela também não tem por objeto de ser a referência ética dos narradores. Positivamente, a carta constitui uma referência comum para o questionamento dos membros de ASIHVIF.

Nesse sentido, é pedido para cada candidato a adesão à ASIHVIF que ele subscreve as propostas da carta e que ele contribui a sua evolução. A carta é objeto dum debate periódico.

## 2. O objeto da Associação

2.1 O Alcance da ASIHVIF é de desenvolver as práticas de histórias de vida pelo meio do relato de vida, nos campos da formação, da pesquisa e da intervenção.

Trata-se dum procedimento que põe no centro o sujeito narrador enquanto ele define o seu objeto de inquérito e desenvolve um projeto de compreensão de si por si e pela mediação do outro.

2.2 O objetivo que orienta, atravessa e apoia as práticas de relato de vida e a emancipação pessoal e social do sujeito. Se entende por emancipação a ação que tende a substituir uma relação de igualdade a uma relação de sujeição. Como prática de formação, o relato de vida permite ao sujeito de apreender os seus desafios existenciais no seio da coletividade.

Como prática de intervenção, o relato de vida permite ao sujeito, a partir duma explicitação do seu percurso de vida, de dispor dos meios necessários à uma tomada de consciência reflexiva e crítica, em vista de se situar como ator social num projeto de ação mais lúcido e mais pertinente.

2.3 Este procedimento autobiográfico há assim uma tripla função: essa de pesquisa (produção de conhecimentos), essa de formação e essa de intervenção (dando forma a si mesmo numa perspectiva de ação social).

2.4 Os efeitos da experiência do relato de vida são múltiplos e essencialmente relativos à singularidade das pessoas que se engajam. Eles podem ser de ordem epistemológica (um ganho de saber quanto a seu passado, seu futuro e seus recursos e limitações atuais), identitária (seguinte a variedade das dinâmicas possíveis) e mesmo terapêutica.

2.5 Uma das consequências maiores do modo que a Associação define seu objetivo é de recusar a clivagem entre teoria e prática. Este trata da distribuição hierarquizada dos lugares do pesquisador, do interveniente e do sujeito narrador (individuo ou grupo). A Associação entende lhe substituir uma relação dialética onde as teorias interrogam as práticas e vice-versa. Ela está esperando um efeito de renovação em vezes no campo das práticas de pesquisa, de formação e de intervenção e no campo da teorização, em educação permanente e em formação dos adultos especialmente.

3 A relação do formador, do pesquisador e do interveniente com o narrador (individual ou coletivo)

### 3.1 Uma humanidade compartilhada

A produção narrativa em grupo exige um clima de confiança mutual que sustente o reconhecimento da singularidade do sujeito e de abertura a alteridade vivida como uma humanidade compartilhada.

### 3.2 Uma parceria

A construção dum projeto de pesquisa-formação-intervenção pelo relato de vida se apoia dum lado na explicitação da oferta proposta pelo formador, o pesquisador ou o interveniente, e dum outro lado, na expressão pelos narradores potenciais do início do procedimento. Esta parceria se funda no reconhecimento da autonomia do narrador na construção do seu testemunho e no dever de reserva daquela que acompanha o processo narrativo a cada uma das suas etapas (produção, socialização, análises e interpretação). É assim que o narrador fica o sujeito autor em vezes no seu relato e no sentido que é proposto. O terceiro acompanhador (formador, pesquisador ou praticante) participa a uma coprodução do sentido quando ele cruza o relato com sua questão de pesquisa e comunica as ressonâncias quem abre nele o relato.

### 3.3 Uma contratualização

O engajamento concreto dos parceiros neste procedimento se traduz pela contratualização explícita. Aquela abrange especialmente sobre as modalidades de realização e as disposições quem protegem a confidencialidade e os direitos de autores dos narradores.

### 3.4 Uma prática em contexto

A abordagem biográfica pode se praticar nos contextos institucionais variados, cujas características devem ser tomadas em conta, numa parte, na apreciação da oportunidade duma aplicação da abordagem biográfica, e de outra parte, na construção dum projeto concreto.

4. As exigências da função de formador, de pesquisador ou de interveniente em relato de vida

4.1 Pertence ao formador, pesquisador ou interveniente em relato de vida de construir em relação a sua própria prática, uma análise crítica e uma avaliação. Esta se realiza, numa parte, na interrogação com os narradores referente ao procedimento autobiográfico que ele acompanha, e por outra lado, no compartilhamento da sua experiência aquando às práticas de co-animação conjunta e durante as sessões de análises de práticas entre pares no seio da Associação. Estes

intercâmbios revestem um caráter de convivialidade tanto quanto possível, nas relações hierarquizadas.

4.2 A Associação pede que o futuro formador tenha, ele mesmo a experiência dum procedimento autobiográfico.

4.3 A Associação não privilegia nenhum referente teórico particular. Ela valoriza o recurso às teorias e métodos plurais e favorece os debates nestas questões, por exemplo, aquando das apresentações de produções escritas dos seus membros.

## 5. Aberturas

A Associação entende aplicar um certo número de obras. A título de exemplo, podemos enunciar:

- A dimensão estética da formação-pesquisa-intervenção em história de vida;
- A inscrição da perspectiva anthro-po-formativa em história de vida;
- A dimensão intercultura das histórias de vida.

## Nossa Carta

ASHVIF Associação Internacional das Histórias de Vida em Formação e de pesquisa biográfica em educação

(\*) Reajustamento seguindo a Assembleia Geral Extraordinária do 19.10.2002

Da versão produzida após o simpósio realizado em Paris os 1 e 2 de junho de 2002